

VII Seminário FESPSP - “Juventude, trabalho e profissão: desafios para o futuro no tempo presente”.

28 de outubro a 1 de novembro de 2019

GT 03 - Paradigma da ciência da informação e da biblioteconomia na era digital

CATÁLOGO BIBLIOGRÁFICO: REFLEXÕES HISTÓRICAS E CONCEITUAIS SOBRE O SEU OBJETIVO E FUNÇÃO

José Fernando Modesto da Silva¹

Isabel Cristina Ayres da Silva²

Marcos Leandro Freitas Hubner³

1. Introdução

A história dos códigos e regras de catalogação é, em geral, destacada como a busca pela melhoria contínua na direção de um código catalográfico racional e eficiente (KNOWLTON, 2009).

Entretanto, Wegando (2007, p.2) ao estudar a história das bibliotecas, destaca que “todos somos prisioneiros de nossos próprios discursos”, e observa que a história que contamos sobre nós mesmos, influenciam a nossa própria visão quanto ao lugar ocupado na cultura e na sociedade.

Assim, a percepção que os bibliotecários têm de si mesmos e o que dizem aos outros sobre os seus valores profissionais irá definir a maneira de ver o seu passado. Para muitos bibliotecários, a biblioteca é compreendida como uma instituição que colabora para mover a sociedade na direção da modernidade, progresso e ciência (PAYTI, 2005).

Com relação ao código de catalogação, os discursos são similares, e configuram-se em uma progressão de ideias com vista a constituir um processo catalográfico na construção de catálogos capazes de fornecer o melhor acesso a uma coleção bibliográfica.

¹ Professor-doutor da Universidade de São Paulo - USP.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da ECA/USP

³ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da ECA/USP

Segundo Taylor (2006), os catálogos bibliográficos serviram, por séculos, como importantes ferramentas de informação. Mesmo na atualidade, os catálogos formam um conjunto organizado e estruturado de registros bibliográficos, representando os acervos de uma determinada coleção e o acesso aos seus recursos.

Para Tillett e Cristan (2009), os catálogos bibliográficos são construídos sob o objetivo principal de possibilitar aos usuários: encontrar, selecionar, identificar e obter – a íntegra dos registros, embora esses objetivos nem sempre foram o foco principal por detrás dos catálogos.

Clarke (2015) comenta que ao longo da história, os catálogos bibliográficos e seus registros atenderam a uma variedade de propósitos. Desde listas de inventários às ferramentas de marketing idealizadas para angariar doações bibliográficas, os catálogos desempenharam importante e diversificado papel no atendimento tanto da biblioteca, quanto dos seus usuários. Porém, à medida que as bibliotecas contemporâneas enfrentam contingenciamento ou cortes orçamentários, com reflexos na redução de recursos e prestação de serviços, a concorrência de outros fornecedores de informação, além da opção de escolha que o público passa a ter em decorrência das constantes inovações tecnológicas.

É, então, neste cenário, que emergem questões relativas à relevância de propósitos dos catálogos bibliográficos para este século XXI. E, em especial, o que o catálogo pode oferecer diante de outros recursos adicionais ou alternativos para a recuperação e acesso à informação?

Sob tais aspectos, desenvolve-se a presente reflexão sobre a pertinência do catálogo bibliográfico por meio da abordagem de sua história, objetivos e funções desempenhadas. Ainda, através de levantamento bibliográfico desenvolve-se este estudo exploratório da literatura extraindo as manifestações sobre a potencialidade do catálogo, na atualidade, marcada pela onipresença da internet.

2. Catálogos bibliográficos – história e objetivos

Campbell(2015) salienta que a história das bibliotecas é, em parte, também a história dos livros. A palavra “livro” pode ser compreendida como qualquer suporte que possa suportar a escrita, com a intenção de manter para

as gerações futuras. A forma atual dos livros não é universal e nem muito antiga. Os primeiros livros eram confeccionados em pequenas tábuas de argila, folhas de palmeira, pedras esculpidas, rolos de seda etc., e tudo era guardado em bibliotecas de diversos tipos. O livro moderno ou códice é uma invenção relativamente recente. Já, os catálogos sempre acompanharam esta evolução dos suportes da escrita.

Conforme observações de Clarke (2014), os objetivos do catálogo de biblioteca (implícito ou explicitamente definidos), indicam a finalidade de propósito da ferramenta no que confere ao atendimento, porém não indicam e nem sugerem as maneiras pelas quais a finalidade deve ser alcançada. Assim, observa-se que a literatura da área, em geral, destaca como significados projetados para os catálogos bibliográficos finalidades do tipo: lista de inventário, sistema de assistência ou auxílio, recurso de marketing, e outras possibilidades alternativas.

2.1 Lista de Inventário

Há consenso, entre historiadores, de que os primeiros catálogos de bibliotecas eram pouco mais do que simples listas inventariantes (CLARKE, 2014).

Ao tratar da história das bibliotecas, a partir do surgimento da escrita, desenvolvida 5.500 anos atrás, em Uruk, na Mesopotâmia, Campbell (2015) o caso da biblioteca de Ebla que, apesar de não ser a mais antiga do mundo, é o melhor modelo antigo da aparência física das bibliotecas da Mesopotâmia. Em geral, eram espaços retangulares, medindo 3,5 x 4 metros, com estantes de madeiras e prateleiras por todos os lados. A maioria das tábuas de argilas encontradas em escavações arqueológicas eram listagens de itens.

Ainda, no contexto da antiguidade, Lerner (2009) destaca a biblioteca de Alexandria na qual os usuários consultavam uma espécie de catálogo para determinar quais obras e suas versões eram de propriedade da biblioteca de forma a confirmar a procedência e confiabilidade dessas obras.

Quanto ao propósito do catálogo bibliográfico, Wu (1937 apud CLARKE, 2014), comenta o sistema da biblioteca imperial chinesa, elaborado 26 séculos

(antes de Cristo), e que era especificamente um inventário das obras importantes do imperador.

Com a queda do império romano e a ascensão do cristianismo, no mundo ocidental, as bibliotecas passaram ao domínio dos mosteiros. Os catálogos, no período mantiveram a consistência de listas inventariantes das propriedades bibliográficas (LERNER, 2009).

A finalidade destes catálogos era o de monitorar e controlar a coleção. Em termos de estrutura descritiva, a ênfase era a descrição do suporte físico. Exemplos mencionados deste tipo de catálogo na biblioteca beneditina de Christchurch (aproximadamente 1170), e na biblioteca da Abadia de Glastonbury (por volta de 1247). A característica de elaboração dos catálogos indica que os livros eram valorizados mais como objetos do que como conteúdo intelectual (CLARKE, 2014).

Pelos séculos seguintes, os registros bibliográficos, nos catálogos enfatizavam este aspecto de objeto e de lista de custódia.

2.2 Sistema de Assistência

As primeiras coleções, nas bibliotecas monásticas, eram pequenas, assim os catálogos eram desnecessários para localizar materiais, bastava a memória do bibliotecário e o conhecimento da coleção para recuperar coisas (CLARKE, 2014).

Como contraste cultural, no período, Campbell (2015) comenta que a maioria das coleções chinesas possuíam 100 mil rolos; as maiores coleções islâmicas tinham cerca de 700 mil volumes, enquanto as maiores coleções monásticas (século XII) tinham menos de 1000 livros, e a maioria com cerca de 100 volumes. Em 1338, 150 anos depois, a universidade de Sorbonne surgiu com a mais valiosa coleção da Europa, cerca de 338 livros para consulta e 1.728 livros na coleção. O tamanho das coleções medievais indica que os espaços físicos das bibliotecas eram pequenos. Razões para existência de coleções pequenas decorrem do alto custo de produção bibliográfica.

A partir do século XIII, o tamanho crescente das bibliotecas muda a finalidade principal dos catálogos; de lista de inventário começam a desempenhar uma assistência aos usuários para encontrar os recursos bibliográficos. Os catálogos passam a listar as entradas bibliográficas descritos

em conformidade com a ordem dos itens nas prateleiras, embora informações para recuperação específicas baseadas em dados de localização (códigos de assunto, notação de autor ou marcas locais de identificação) não fossem comuns. No período ocorrem mudanças da descrição física para inclusão de dados de conteúdo, indicando foco para o acesso ao conteúdo intelectual (CLARKE, 2014).

Nos séculos posteriores, os catálogos passam a ser reconhecidos como sistemas mais amplos do que listas de estoque. Nos séculos XVII e XVIII conceituam-se como instrumentos de pesquisa, e geram discussão sobre os melhores métodos para a construção de catálogos. No século XIX, os objetivos anteriores do catálogo como lista de inventário e de assistência para a buscabilidade da informação passam a ser redefinidas.

Em 1826, a American Philosophical Society apresentou uma das primeiras finalidades específicas para catálogos, mostrar se um determinado livro se encontrava na biblioteca; que livros existiam sobre determinado assunto; bem como quais edições de obras eram mantidas pela biblioteca. Décadas depois, Charles Ammi Cutter publicou suas regras para um catálogo dicionário (*Rules for a Dictionary Catalog*) no qual indicou os objetivos do catálogo da biblioteca: permitir que uma pessoa encontre um livro do qual conhece: autor; título; assunto; mostrar o que a biblioteca tem: de determinado autor; de determinado assunto; de determinada espécie de literatura; ajudar na escolha de um livro: com respeito à sua edição; com respeito o seu caráter (literário ou tópico). Para Cutter, o catálogo deveria se adequar a conveniência do público (BARBOSA, 1978; MAY, 1995).

Os objetivos formalizados, posteriormente, foram denominados como as tarefas do usuário: localizar, identificar, selecionar e obter, em conformidade com os Requisitos Funcionais para registros Bibliográficos, da IFLA (1997).

2.3 Recurso de Marketing

Catálogos bibliográficos foram criados como recursos de marketing para coleções bibliográficas. O primeiro catálogo impresso é creditado à Universidade de Leiden, na Holanda, em 1575. A opção do impresso possibilitou que cópias duplicadas do catálogo fossem produzidas e

distribuídas, de forma que por meio do mesmo, a biblioteca divulgasse a sua coleção para um público mundial (VALENTINE, 2012).

CLARKE (2014) salienta que, nas bibliotecas coloniais norte-americanas, os primeiros catálogos foram projetados como uma espécie de ferramenta de marketing para sugerir doações, divulgar coleções, solicitar patrocinadores e novas contribuições. Por volta de intenção de solicitar doações. Exemplo, mencionado do período, é o do catálogo da biblioteca de Norwich City, de 1707, cujo propósito era induzir o público para doarem. O catálogo incluía uma lista alfabética de nomes de doadores para fins de reconhecimento e estímulo. A finalidade teve sucesso por vários anos. Outro exemplo, citado, é o catálogo da biblioteca do Sion College, em 1724, cujas indicações nos registros identificam vagas existentes nas prateleiras, em áreas específicas e que permitiam aos usuários saberem da existência de espaços para mais livros com a frase: “Se alguém tiver a gentileza de presenteá-los a biblioteca⁴” (NORRIS, 1939, p.188-189 apud CLARKE, 2014).

2.4 Possibilidades Alternativas

Na evolução histórica dos catálogos bibliográficos, identifica-se outros propósitos de utilização que vai além das aplicações tradicionalmente estabelecidos. Embora esses outros propósitos de utilização possam ser numerosos, estudo realizado por Clarke (2014) destaca algumas possibilidades alternativas, a saber: a) navegação e descoberta; b) educação; c) interação e conexão social; e d) expressão.

A Navegação

Em relação a navegação e descoberta, considerada um propósito óbvio do catálogo no sentido de auxiliar o usuário a navegar pela coleção bibliográfica. Evidências históricas anteriores, indicam o aparecimento, no século XVIII, do recurso das remissivas ou referências cruzadas, nos catálogos bibliográficos.

A biblioteca Bodleian, por volta de 1620, sinalizava em seu catálogo, com o uso da letra “Q” (para “ver”). Este uso não teve destaque ou importância

⁴ If anyone would be kind enough to present them to the library [tradução nossa]

valorizada até a manifestação de Antônio Panizzi ao destacar que quanto mais numeroso fosse o uso das remissivas, mais útil seria o catálogo; em especial no auxílio ao usuário em encontrar as obras (CLARKE, 2014; SVENONIUS, 2000).

Para Lubetzky (1969), um dos propósitos do catálogo bibliográfico deveria ser o de chamar a atenção dos usuários para a coleção da biblioteca; que passa ser de seu interesse, e o auxilie a utilizar adequadamente os materiais desta coleção. Neste sentido, a alternativa da navegação entre os materiais e o potencial da descoberta de novos materiais é importante.

A navegação é uma condição garantida por dois aspectos: 1) os comportamentos manifestados pelos usuários e que demonstram padrões e desejos de navegabilidade; e 2) fixado por regras catalográficas para inclusão de relacionamentos dos dados bibliográficos, pois os relacionamentos favorecem a navegação no sistema catalográfico (SVENONIUS, 2000).

Portanto, quanto mais relacionamentos (como as mencionadas remissivas ou referências cruzadas) existentes nos catálogos, mas a navegabilidade é favorecida e importante. Esta importância é realçada pela sua inclusão na Declaração dos princípios Internacionais de Catalogação da IFLA (CLARKE, 2014; TILLET e CRISTAN, 2009; IFLA, 1998).

A ideia de Lubetzky (1969) ao destacar a chamada de atenção do usuário para os materiais relacionados com a coleção da biblioteca, implica no objetivo da descoberta. Já, o surgimento do termo “serviço de biblioteca”, nas bibliotecas, é uma ênfase ao objetivo da descoberta.

O mercado para o serviço de descoberta tem se expandido; com fornecedores promovendo o desenvolvimento de sistemas poderosos e que variam tanto na função, quanto na capacidade; mas que em geral fornece uma interface alternativa de pesquisa, navegação e de recuperação dos dados e recursos bibliográficos, e de outras fontes (como bancos de dados e repositórios). O objetivo essencial da camada de descoberta é a de encontrar recursos. Entretanto, essa camada, em conjunto com seus custos financeiros e de manutenção, além de seus vínculos com fornecedores de software – não seja necessária se o processo de descoberta for um objetivo formal dos catálogos bibliográficos (CLARKE, 2014).

A Educação

17 séculos antes de Cristo, os catálogos então existentes continham alguma instrução de uso. É o caso do catálogo de Akkad que continha orientações sobre a obtenção dos materiais (NORRIS, 1939 apud CLARKE, 2014).

No século XIX, os catálogos impressos continham nas páginas iniciais instruções sobre o seu uso, também sobre o funcionamento da biblioteca e as restrições de consulta (CLARKE, 2014).

Além das instruções de uso, o código pode instruir os usuários por meio do design de exibição dos dados bibliográficos na tela do dispositivo computacional. Este pode orientar o usuário sobre a seleção, a realização de estratégias e técnicas de pesquisa. Mesmo a adoção de vocabulário controlado fornece uma variedade de termos aos usuários, ao contrário da opção de uma única palavra-chave selecionada para consulta (BATES, 1986; CLARKE, 2014).

Para Hjørland (2002) a elaboração de recursos como guia de literatura, esquemas de classificação, índices, tesouros, etc., podem servir para educar usuários no domínio temático. Apesar dos bibliotecários serem os maiores usuários destes recursos, os mesmos podem ser refinados e adequados de forma a envolver na capacitação ou literacia dos usuários da biblioteca.

A Interação e Conexão Social

Clarke (2014) destaca os argumentos de estudiosos que consideram a necessidade de os catálogos bibliográficos irem além da função de listagem tradicional, para uma função interativa que é a de conectar as pessoas aos recursos da biblioteca; e, também, conectar as pessoas a outras pessoas, como os funcionários da biblioteca e outros usuários.

A exemplo da biblioteca física, a biblioteca on-line sintetizada pelo catálogo bibliográfico é um ponto de encontro da comunidade, e deve suportar as mesmas interações sociais que a biblioteca física suporta.

Spiteri, Tarulli e Graybed (2010) citam exemplos de interação, como o de permitir que os usuários descrevam, classifiquem, revisem e recomendem recursos bibliográficos. Os benefícios dos catálogos sob a perspectiva das interações incluem:

- Provisão e suporte de um ambiente seguro no qual os usuários possam discutir assuntos de interesse comum;
- Capacidade de oferecer formas tradicionais de conexão social aos usuários incapazes de visitar presencialmente a biblioteca física;
- Obter subsídios para as descrições e recomendações de recursos bibliográficos.

Na evolução do foco da biblioteca, centrado na coleção para o foco na atenção à comunidade, os objetivos e produtos bibliotecários, incluindo o catálogo, também deve evoluir nessa direção.

A Expressão

Qualquer catálogo bibliográfico é um sistema de informação, e qualquer sistema de informação pode ser compreendido como um meio de expressão criativa (ANDERSON, 2008 apud CLARKE, 2014).

Exemplos de expressão criativa de catálogos aparecem no século VIII (depois de Cristo) por meio do catálogo ou listagem de livros oferecido por Gregório Magno à Igreja de São Clemente, em Roma. A lista bibliográfica foi gravada em uma placa de mármore sob a forma de uma oração. Já, em 1821, John Cole elaborou um “catálogo enigmático de livros de mérito”, no qual as entradas eram formuladas como enigmas. Esse trabalho também representa uma atividade de “hobby”, na construção de catálogos bibliográficos; e, portanto, um exemplo de expressão pessoal (NORRIS, 1939 apud CLARKE, 2014).

Clarke (2014) observa que a questão não é saber se a expressão de criatividade deve ou não ser um objetivo do catálogo bibliográfico, mas uma questão do que deve ser expresso pelo mesmo. O catálogo talvez deva expressar uma indicação confiabilidade e de autoridade das bibliotecas em comparação com outras fontes populares, como a Wikipedia.

Considerações finais

Encontrar, selecionar, identificar e obter recursos da biblioteca é na atualidade o objetivo preconizado para os catálogos bibliográficos ao fornecerem assistência aos usuários.

Entretanto, estes objetivos, apesar de atuais, não podem ser considerados como únicos, se o bibliotecário não buscar estudos sobre outras possibilidades alternativas.

Na atualidade, influenciadas pela ambiência da Web, as pessoas que buscam informações ignoram o catálogo da biblioteca. Pesquisas nas últimas décadas indicam que os catálogos bibliográficos continuam repletos de problemas e com poucos benefícios exclusivos para os usuários (CALHOUN, 2016).

Referências

- Barbosa, Alice Príncipe. **Novos rumos da catalogação**. Rio de Janeiro: BNG/Brasilart, 1978.
- BATES, M. J. Subject access in online catalogs: a design model. **Journal of the American Society for Information Science**, vol. 37, n.6, p.357-376, 1986.
- CALHOUN, K. **The changing nature of the catalog and its integration with other discovery tools**. Disponível em: <<http://www.loc.gov/catdir/calhoun-report-final.pdf>> Acesso em: 10 out. 2019.
- CAMPBELL, J. W. P. **A biblioteca: uma história mundial**. São Paulo: SESC, 2015.
- CANFORA, Luciano. **A biblioteca desaparecida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- CLARKE, R. I. Find, identify, select... socialize?: alternative objectives of library catalogs. **ASIST**, n. 1-4, nov. 2014.
- HJORLAND, B. Domain analysis in information science: eleven approaches – traditional as well as innovative. **Journal of Documentation**, vol. 58, n.4, p.422-462, 2002.
- IFLA. Study Group on the Functional Requirements for Bibliographic Records. **Functional Requirements for Bibliographic Records: final report**. Munich: K. G. Saur Verlag, 1998.
- KNOWLTON, S. A. Criticism of cataloging code reform, as seen in the pages of library resources and technical services (1957-66). **Library Resources and Technical Services**, vol. 53, n. 1, p.15-24, 2008.
- LERNER, T. **The story of libraries: from the invention of writing to the computer age**. 2 ed. New York: Continuum International, 2009.
- LUBETZKY, S. **Principles of cataloging, Phase I: Descriptive Cataloging**. Los Angeles, California: University of California Institute of Library research, 1969.

Mey, Eliane Serrão Alves. **Introdução à catalogação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1995.

PAYTI, A. Pioneers in library and information science. **Library Quaterly**, vol. 75, n.3, p.385, 2005.

SVENONIUS, E. **The intellectual foundation of information organization**. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.

TAYLOR, A. G. **Introduction to cataloging and classification**. 10 ed. Westport: Libraries Unlimited, 2006.

TILLET, B. B.; CRISTIAN, A. L. (Ed.). **IFLA Cataloguing principles: statement of international cataloguing principles (ICP) and its glossary**. Munchen: K. G. Saur, 2009.

VALENTINE, P. M. **A social history of book and libraries from cuneiform to bytes**. Lanham: Scarecrow Press, 2012.